arte

Bienal 12: um espaço de intercâmbios

Lisbeth Rebollo Gonçalves

Feminino(s) é o tema da 12ª Bienal do Mercosul. A exposição trouxe ao debate o lugar social da mulher e das minorias no contexto da sociedade atual; questionou a forma de pensar o mundo de um modo patriarcal (*live* no dia 16 de abril), pôs em debate as construções, as lógicas binárias excludentes. Com a mostra *Feminino(s), visualidades, ações e afetos*, a curadora Andrea Giunta quis estabelecer “uma zona de intercâmbios de visualidades, ações e afetos que permitisse confirmar a riqueza da vida democrática, sem eludir sua complexidade”.

Giunta, que contou com o apoio dos curadores assistentes Igor Simões, Fabiana Lopes e Dorota Biczal, teve seu projeto impactado pela pandemia do coronavírus. A exposição deveria abrir ao público presencialmente em 16 de abril passado, mas foi inaugurada por via virtual. Depois de uma fala oficial do presidente Gilberto Schwartsmann, teve lugar uma *live* em que se deu uma conversa entre

ele e a curadora. Elucidaram-se aspectos e desafios do projeto curatorial, ao mesmo tempo em que se apresentaram pontos de tensão surgidos com a realização do evento por via digital.

Andrea Giunta falou sobre os fundamentos do projeto e, com clareza, posicionou as dificuldades para a recepção estética da mostra, quando não há condições de acesso físico à exposição, quando não há deslocamento no espaço e ativação das obras, umas em diálogo com as outras, estratégias que eram cruciais no seu projeto curatorial.

O projeto, conforme informações dos comunicados de imprensa, teve, como um dos apoios teóricos fundamentais, a reflexão de Nelly Richards em seu livro *Masculino/Feminino* (1993). Giunta considerou que as interrogações da autora chilena, no decênio

LISBETH REBOLLO GONÇALVES é professora titular do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP, presidente da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA) e integrante da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA).

dos anos 1990, remetem ao lugar social do feminino, às suas construções, contribuindo para discutir problemas que persistem no cenário atual.

O feminismo retoma, hoje, as agendas não realizadas desde os anos 1960 ou 1990 e amplia sua urgência, em decorrência da violência contra as mulheres e contra o movimento LGBTQIA+, do recrudescimento da pobreza e dos sistemas de exclusão e discriminação.

O trabalho voltado para a construção da Bienal do Mercosul de 2020 começou, já no início de novembro de 2018, com um seminário que debateu “Arte, feminismos e emancipação”, abordando temas como os discursos da lei, as poéticas do corpo, arte, ativismo, *performance*. Outras informações importantes foram trazidas ao público, de 2018 em diante, reiterando o enfoque divulgado pelo site da Bienal:

“*Feminino(s)* centra-se nas propostas de artistas mulheres e de todas as sensibilidades não binárias, fluidas, não normativas. Sobre-tudo aquelas que expressam sua oposição às mais diversas formas da violência. Trata-se de envolver-se com as aspirações das majorias a que muitas obras nos direcionam, e que compreendem artistas afrodescendentes e indígenas, cuja presença segue evocando reflexões críticas no mundo da arte, que, no entanto, é excludente. Trata-se de escutar em detalhe e abordar a sério tudo aquilo que os estereótipos marginalizam”.

Depois de ter realizado, com Cecilia Fajardo-Hill, a curadoria da mostra *Mulheres radicais: arte latino-americana, 1960-1985*, em Los Angeles (Hammer Museum), em Nova York (Brooklyn Museum) e na Pina-

coteca do Estado de São Paulo, o foco, na Bienal 12, recaiu sobre a atualidade contemporânea. A mostra reuniu 60 artistas, não só mulheres, mas atores no mundo da arte que refletem, no momento atual, sobre a proposta em foco.

O feminismo é, desde 2009, tema da pesquisa de Andrea Giunta como acadêmica universitária, na Argentina e nos Estados Unidos. Ela entende o *feminismo* como uma filosofia, como uma teoria e forma de pensar o mundo “de outra maneira”. Analisando o perfil da Bienal do Mercosul, Giunta considera que essa exposição tem uma importância regional, e aponta como algo positivo o elo fundamental desse evento com a cidade.

Considera-a “enraizada” em Porto Alegre e, portanto, que o seu trabalho de curadoria seria um espaço de contato com os cidadãos. Dessa forma, o projeto que preparou para a Bienal 12 pretendia ser uma experiência “de muitos afetos”, contribuindo para reificar a cidadania, e pensar o lugar da mulher na cultura e na sociedade. Este é, segundo ela, um ponto de interesse que a leva ao exercício de curadoria.

A BIENAL NA REALIDADE DA PANDEMIA

Pensando-se a experiência de visitação de uma mostra de arte do porte de uma bienal, a pandemia foi uma fatalidade. Visitar uma exposição é uma experiência total. Na visitação, tem lugar uma relação com o espaço que envolve a totalidade do corpo físico do visitante. A visita é um percurso em que se processa a ativação estética, é um contato vivo com um conjunto de trabalhos artísticos em diálogo. O espaço, arquitetô-

nico ou urbano, torna-se parte integrante nesse processo de ativação estética. Favorece vivenciar o percurso, estabelecer diálogo com as obras. A ativação, como observou a curadora na *live* mencionada, é o que há de mais relevante nas exposições de arte. Isso não pôde acontecer!

A 12ª Bienal, ao se tornar uma mostra digital, abriu, entretanto, outro tipo de contribuição que é perfeitamente válida. *Lives* dos artistas foram oferecidas ao público e continuam acessíveis no YouTube, Instagram e Facebook. Elas permitem interagir com os/as artistas que compareceram à mostra, muito embora o acesso às obras e aos artistas se dá por computadores, ipads e celulares, que permitem ver e ouvir, reunir informações, conhecer. Não há o percurso físico, no espaço, mas há reflexão e diálogo.

A Bienal 12 teve, nesse sentido, um papel positivo porque distribuiu informações e conhecimento, abriu e contribuiu em importantes debates de temas sociais. Integrou artistas com o público de todo o país e dos países participantes do evento.

Além das *lives*, a instituição ofereceu o acesso a um jornal *on-line* (<http://www.fun-dacaobienal.art.br/bienal-12-jornal>) com textos dos/as artistas que integram a exposição. Disponibilizado para o público, esse jornal constituiu-se em recurso muito útil para estabelecer relações entre os projetos dos participantes do evento e o tema da exposição.

O público interessado pôde conhecer, de perto, as preocupações dos expositores, encontrou informações diretamente ligadas tanto aos trabalhos presentes na mostra, como aos projetos que norteiam suas práticas artísticas em geral.

Um aspecto importante da Bienal foi a contribuição que ela trouxe para o debate

sobre o racismo, no momento em que emergiu o movimento Black Lives Matter, decorrente da violência policial que levou à morte de George Floyd, nos Estados Unidos. Vale, pois, destacar essa questão presente em muitos trabalhos da mostra. Um modo positivo de fazê-lo é pondo em foco o trabalho de Rosana Paulino.

Artista homenageada nesta Bienal do Mercosul, Rosana tem forte presença nas discussões sobre e em manifestações contra o racismo. É central em seu trabalho a questão da presença negra na cultura “do outro lado do Atlântico” e na realidade internacional da diáspora imposta pela escravidão. E é importante sua presença no feminismo interseccional, que põe no centro do debate “o que é ser mulher negra”.

O trabalho de Rosana Paulino introduz, desde o início da sua trajetória, densa reflexão sobre raça, racismo e a condição social da mulher negra no Brasil e no mundo.

Em 1994, ela se destacava com a instalação *Parede da memória*, hoje no acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. A instalação é constituída de patuás, amuletos de proteção utilizados na cultura africana e afro-brasileira. Esses patuás da instalação são também um registro pessoal de memória afetiva, porque reproduzem em xerox, sobre o tecido com que são confeccionados, imagens de pessoas da família da artista – um registro de memória pessoal, tal como um álbum de fotografias de família.

Parede da memória é um gesto de subjetivação e, ao mesmo tempo, de crítica à realidade experimentada pela população negra, no contexto da cultura e da sociedade.

Outro trabalho que nos leva à problemática central da obra de Rosana é *Bastidores*, em que a imagem feminina é impressa no

Rosana Paulino, *Parede da memória*, 1994

tecido preso em bastidores de madeira. As imagens têm a interferência das mãos da artista, com bordados, costuras que vedam a boca, os olhos, sufocam, imprimindo crítica à violência contra a mulher negra.

Em 2003, a instalação *Tecelãs*, apresentada na Bienal do Mercosul daquele ano, trouxe

figuras em barro modeladas pelas mãos da artista, amarradas com linhas que, igualmente, cerceiam bocas e gestos. Imagens em barro, tradição milenar – “Vênus” oprimida.

Como observa a pesquisadora Pollyana Quintella, em ensaio para a *Revista Continente*, n. 234 (<https://www.revistacontinente.com.br>).

Rosana Paulino, *Bastidores*, 1997

com.br/edicoes/234/rosana-paulino), paralelamente aos arquivos pessoais, Rosana Paulino demonstrou constante interesse pelo registro científico. Analisando a obra *Assentamento*, a pesquisadora observa:

“Em *Assentamento* (2013) [Rosana Paulino] manipula a fotografia de uma mulher nua registrada para fins científicos. A autoria do arquivo original é de Auguste Stahl, fotógrafo franco-suíço que realizava registros de negros e negras, para cientistas europeus no século XIX”.

A artista afirma que a ciência, ao longo da história, não está isenta ao racismo. Em *Assentamento*, ela “sutura” partes do corpo feminino dilacerado. Raízes brotam dos pés da figura, expressando a resistência da mulher negra.

Em *Atlântico vermelho*, de 2017, partes de tecidos são igualmente “suturados”, não há registro de identidade nos rostos femininos. Uma referência à colonização, que trouxe consigo a escravidão, é expressa através de um fragmento de azulejo português.

Em *live* promovida pela Bienal, a artista conversou com Igor Simões. Rosana Paulino falou de sua preocupação com a questão racial no Brasil e no mundo e criticou o pouco espaço, nas exposições de arte, para a apresentação de trabalhos que criticam o racismo. A questão é reiterada no seu texto publicado no jornal *on-line* da Bienal 12:

“[...] num país com uma história de mais de 300 anos de escravidão, há uma tendência [nas grandes exposições] a ignorar a existência de artistas negros trabalhando com os temas complexos da mestiçagem”.

Rosana Paulino, *Assentamento*, 2013

Rosana Paulino, *Atlântico vermelho*, 2017

Sua retrospectiva de 2018, realizada em São Paulo, na Pinacoteca do Estado, e no Museu de Arte do Rio de Janeiro, reuniu todos esses importantes marcos de sua produção. Nesta Bienal 12, na qual Rosana Paulino foi homenageada, o público, mais uma vez, não só tem a oportunidade de aproximar-se de sua obra, como também de

aplaudir todas/os artistas negras/os expo-
sitores presentes nesta edição.

Mas vale lembrar que a mostra trouxe ao público muito mais, colocando o foco sobre as dimensões dos *Feminino(s)* na realidade contemporânea da América Latina. Eis, abaixo, alguns exemplos (<https://www.bienalmercosul.art.br>).

Reprodução

Rosana Paulino, *As filhas de Eva*, 2014

Aline Motta, *(Outros) fundamentos#3*, 2017-2019

Rahima Gambo, *Playing slowly* (série *Tatsuniya*), 2017

Reprodução

Fátima Pecci Carou, *Algún día saldré de aquí*, 2014-2016

Reprodução

Gladys Kalichini, *Burial: erasing erasure*, 2017

Kimiko Yoshida, *Painting (Medusa by Caravaggio)*, 2010

Liliana Porter e Ana Tiscornia, *Them*, 2018

Lidia Lisbôa, *Cicatrizes*, 2012-2015